

A Relação com o Chefe

Somos todos diferentes quanto a uma infindável lista de necessidades, motivações, características e reações às situações. Isso é o que torna cada um de nós um ser único e especial. Isso é também o que torna o relacionamento interpessoal tão desafiante – às vezes duro e outras, estimulante pelo potencial que a sinergia das diferenças produz.

Dentre estas diferenças estão o quanto queremos pertencer a grupos, ser aceitos pelos outros e, principalmente, ter nossos comportamentos, escolhas e propostas aprovados pelos outros – mais ainda quando estes outros são as figuras de autoridade de quem nosso futuro depende, ou que assim pensamos.

Quando isso não está claro para nós e para os demais, os comportamentos de se aproximar das pessoas com frequência, perguntar-lhes o que acham de tudo que fazemos e dar claras demonstrações de que a queremos satisfeitas, pode ser interpretado como “puxa-saquismo” ou insegurança para a tomada de decisões com autonomia. Nenhuma destas opções é muito agradável de se ter como reputação numa organização.

O dilema de quanto devemos nos manter distantes ou próximos dos chefes, costuma aparecer quando vemos colegas que logo se apropriam de qualquer instante que o chefe se descuida e se mostra disponível – entre uma ligação e outra, quando está entrando no carro, a caminho do banheiro, etc.

Aquele que chamamos de bajulador de plantão sai de sua tocaia para elogiar a gravata do patrão, oferecer-lhe café e desejar-lhe saúde mesmo antes de espirrar. Quando este chefe é afeito a este tipo de comportamento, logo é conquistado pelas gentilezas daquele que passa a ser seu favorito. Independente dos méritos de seu desempenho, o colega nesta condição regride na escala das espécies e se torna um simples “peixinho” no aquário do chefe.

Então questionamos sobre o valor de nosso esforço, dedicação, horas extras a fio para preparar o melhor trabalho da história do departamento quando tudo parece se resumir à intimidade do colega que frequenta a churrasqueira da casa do gerente, divide a mesa no refeitório e passa vários momentos do dia fechado em sua sala. Assim sobrevêm vários daqueles pecados capitais – a Ira e a Inveja em destaque.

Onde estará a razão? Todos temos que fazer uso do mesmo corrimão do chefe para uma ascensão bem sucedida na empresa?

Quem leu outros textos que escrevi, já deve conhecer que não há respostas simples quando se trata de seres humanos e seus relacionamentos. Nosso amigo, ou amiga, que preza da intimidade do chefe em happy-hours, almoços e festas da empresa, pode ser extremamente competente naquilo que faz e, justamente por isso, seu chefe o quer bem perto dele. É duro acreditar nesta hipótese, não? Mas ela pode ser verdadeira...

O aparente bajulador pode sim ter suas limitações quanto à segurança pessoal e precisa da confirmação e reconhecimento sobre suas ideias, decisões e propostas. Nesse caso, a pessoa não tem um alvo único – o chefe, mas pede a opinião de todos, inclusive a “tia” do cafezinho. Ajudar estes colegas pode valer de uma gratidão especial que nos valoriza como desenvolvedor de pessoas.

E todos os chefes são iguais e adoram ser bajulados?

Novamente, as coisas não são tão simples. Dependendo também da necessidade de reconhecimento e de suas inseguranças, o chefe pode ser encantado pelo canto das sereias adadoras que dele se aproximam. Entretanto, há também os chefes desconfiados até da sua própria sombra que investigarão o tempo inteiro uma segunda intenção que existiria por trás daqueles comportamentos. Nesses casos, o puxa-saco pode estar com seus dias contados, pois com ou sem culpa no cartório, ele será julgado e sentenciado a uma pena de geladeira ou desligamento da tomada da Folha de Pagamento.

Então o negócio é ficar no meu canto e só falar quando o chefe fizer uma pergunta?

Aquelas pessoas de pouca ambição e muita introversão, costumam atribuir, na alcova das rodinhas de café, os piores adjetivos àqueles que, segundo elas, se autopromovem o tempo inteiro, lançando os mais elaborados fogos de artifício a cada relatório mensal padrão que entregam ao chefe – são os “gargantas”, os que não se acham, mas que se têm certeza, os metidos a besta, e assim por diante.

Em sua timidez e em sua incapacidade de tomar uma iniciativa mais audaz, ou de tomar a palavra para tratar de assunto controversal numa reunião importante, este outro personagem justifica-se criticando o diferente de si mesmo. Provavelmente, ele verá vários colegas metidos e puxa-sacos serem promovidos à sua frente.

Esta pessoa tem duas alternativas para sua carreira: passar sua vida criticando e se lamuriando sobre os colegas promovidos e a injustiça corporativa ou procurar aprender com eles, esforçando-se a se expor com mais assertividade, dispondo-se a apresentar propostas envolvendo certos riscos e desafiando abertamente a autoridade e o status quo quando estiver seguro de seus valores e razões. Qual é a alternativa que você vai escolher?

Roberto Affonso Santos
Sócio-Diretor - Ateliê RH – Desenvolvimento Humano e Organizacional
www.atelie-rh.com.br
[HTTP://blog.atelie-rh.com.br](http://blog.atelie-rh.com.br)